



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

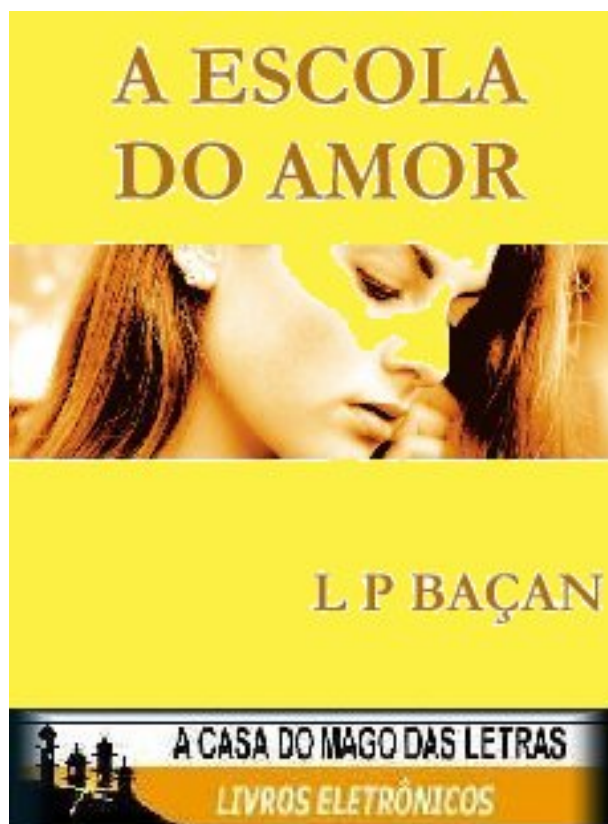
L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.



RESUMO

Quando no aparelho de som iniciaram-se os acordes vigorosos de um concerto de Tchaikowsky, o professor levantou seus olhos negros para a pintura à sua frente e imaginou-se na Rússia. O lápis em sua mão pendeu sobre as anotações e ele mergulhou em reflexões. Estava em seu apartamento, no estúdio improvisado a um canto da sala, com uma escrivaninha moderna atulhada de livros, ao redor de um computador. Uma lâmpada pendia de um lustre apropriado. Sobre as duas poltronas, o sofá, o tapete e outros móveis, espalhavam-se livros e mais livros. No canto oposto à escrivaninha, quase perto da porta, uma bandeja de lanche quase intacta.

Ricardo Freire, professor de uma universidade federal, era um desses homens que se dedicavam com afinco àquilo que desejam realizar. Preparava no momento sua tese de doutoramento, importantíssima para sua carreira, e era essa a razão daquela desordem. Preso em seus pensamentos, não ouviu quando o telefone tocou pela primeira vez. Sobressaltou-se em seguida, e procurou entre os papéis que cobriam seu local de trabalho até encontrar o aparelho.

Era Márcia, sua noiva, longos cabelos negros e olhos azuis esmaecidos, como o céu no principio da manhã. Seu corpo esbelto e sensual descansou displicentemente sobre o sofá. Era também professora e lecionava na mesma universidade que Ricardo. Eram noivos acerca de dois anos e planejavam casar-se tão logo Ricardo concluísse sua tese. Não esperava, porém, que uma aluna lhe roubasse o noivo.

CAPÍTULO 1

Quando no aparelho de som iniciaram-se os acordes vigorosos de um concerto de Tchaikowsky, o professor levantou seus olhos negros para a pintura à sua frente e imaginou-se na Rússia. O lápis em sua mão pendeu sobre as anotações e ele mergulhou em reflexões. Estava em seu apartamento, no estúdio improvisado a um canto da sala, com uma escrivaninha moderna atulhada de livros, ao redor de um computador. Uma lâmpada pendia de um lustre apropriado. Sobre as duas poltronas, o sofá, o tapete e outros móveis, espalhavam-

se livros e mais livros. No canto oposto à escrivaninha, quase perto da porta, uma bandeja de lanche quase intacta.

Ricardo Freire, professor de uma universidade federal, era um desses homens que se dedicavam com afinco àquilo que desejam realizar. Preparava no momento sua tese de doutoramento, importantíssima para sua carreira, e era essa a razão daquela desordem. Preso em seus pensamentos, não ouviu quando o telefone tocou pela primeira vez. Sobressaltou-se em seguida, e procurou entre os papéis que cobriam seu local de trabalho até encontrar o aparelho.

— Alô!

— Ricardo?

— Sim. É você, Márcia?

— Sim, eu mesma. Como vai, amor?

— Estou na pista certa. Hoje comprei um livro-chave para minha tese.

— Comeu o lanche que lhe mandei?

Ricardo olhou para o canto da sala e mentiu:

— Sim, estava muito bom.

— Estava muito preocupada com você, sabe? Quando se enfia em seus livros, esquece-se de tudo que o cerca, inclusive de comer.

— Não se preocupe. Está tudo bem.

— A que horas você vai para a Universidade amanhã?

— Vou mais cedo, sete horas mais ou menos.

— Passa aqui?

— Sim.

— Então até amanhã, amor. Cuide-se.

— Não se preocupe, até amanhã.

Márcia desligou o telefone e olhou para o retrato à sua frente. Gostava dos olhos negros do noivo, de seus cabelos pretos e sempre bem penteados e, mais do que tudo, daquele sorriso alegre de criança travessa que sempre ostentava nos lábios.

Reclinou-se na poltrona, jogou os longos cabelos negros para trás. À luz do aposento, seus olhos azuis eram de uma coloração esmaecida, assim como um céu de principio de manhã. Seu corpo esbelto e sensual descansou displicentemente sobre o sofá.

Era também professora e lecionava na mesma Universidade que Ricardo, de quem era noiva. Conheceram-se ainda no último ano de Faculdade e, desde então, sempre estiveram juntos. Eram noivos acerca de dois anos e planejavam casar-se tão logo Ricardo concluísse sua tese.

— Você está aí, Márcia?

— Estou aqui, Tereza.

Tereza era companheira de apartamento de Márcia. Era secretária executiva em uma grande firma publicitária. Morena, corpo bem delineado e grandes olhos negros que lhe valiam dezenas de convites para almoços e jantares, dos quais sempre se esquivava.

— Quais são as novidades?

— Márcia, hoje conheci um homem espetacular. É diretor de uma firma que é nossa cliente. Você precisa vê-lo. Sabe desses tipos de beira de praia, morenos, altos, de pele bem tosada?

— Sim, o que é que tem?

— Pois ele é desse tipo. Só que com uma classe que dá até água na boca e solteiríssimo da silva. Imagine, vinte minutos depois que saiu de nosso escritório, recebi, enviadas por ele, uma dúzia de rosas e um convite para jantar no "Altar" aquele restaurante perto da praia. E veja o bilhete que ele mandou junto: "Para uma deusa somente o luxo do "Altar". Um jantar a dois? "

— E você aceitou?

— Deixe eu terminar de contar. Dai uma hora mais ou menos ele telefonou. Perguntou se eu aceitaria o convite. Então eu disse que tinha uma companheira de apartamento, que era noiva, que eu não podia sair sozinha, essas bobagens, sabe? Agora adivinhe o que ele fez?

— Como vou saber? Conte logo.

— Pediu-me convidasse você e Ricardo para nos acompanharem.

— Verdade?

— Verdade. Com todas as despesas pagas.

— Puxa! Mas não sei se Ricardo vai querer. Ele anda tão ocupado com sua tese...

— Mas não vai ser hoje. É para amanhã.

— Amanhã?

— É. Hoje ele ainda compareceria a uma reunião à noite, por isso combinamos para amanhã.

— Então vou falar com Ricardo amanhã.

— E você telefona para mim logo cedo? Se ele telefonar de novo, tenho que confirmar.

— Está bem. Logo de manhã ligo para você lá na firma.

— O que é que você fez para o jantar?

— Pizza.

— Oh, não! Pizza todo dia... Acabo me tornando uma italiana e perdendo todo a linha.

— Não se preocupe. Você não vai comer muito mesmo.

— Por quê?

— Porque a pizza está queimada.

O dial foi girando e um som em máxima altura inundou o quarto. Eliane tirou o chapéu hippie e seus cabelos longos e louros caíram sobre a blusa xadrez. Com movimentos suaves e preciosos dançou ao som dos Beatles. Ela apreciava aqueles mitos, embora, para a maioria

dos jovens seus companheiros, eles estivessem ultrapassados. A onde era Alice Cooper, Mick Jagger, Elton John e outros. Mas ela gostava mesmo daquele conjunto e sempre que estava sozinha gostava de ouvi-lo.

Sentou-se na almofada de pele e começou a desamarrar a sandália. Levantou um pouco a barra do Jean desbotado e destrançou as correias de couro. Depois deitou-se no tapete, mão entre os cabelos, meditando, enquanto seus olhos percorriam o aposento decorado com muito bom gosto, onde se avistava estampas de pintores famosos misturadas com cartazes de artistas da moda, reproduções de sinais de trânsito e coisas desse tipo. Recordava-se da conversa que tivera com Marcos, seu namorado, como o rapaz insistia em afirmar.

Estavam na cantina da Universidade onde estudavam. Havia pedido um refrigerante que repartiam, tomando no mesmo canudinho.

— Eu duvido que ele faça isso.

— E por que não?

— Ouvi dizer que ele passa todo o tempo livre se dedicando às pesquisas para sua tese.

— Mas tudo é uma questão de estratégia.

— E que estratégia você vai usar?

— Vou me aproximar dele.

— Eu não vou permitir.

O corpo de surfista de Marcos se retesou ao ouvir as palavras de Eliane. Gostava dela e não pretendia permitir aquilo. Sabia que ela não era do tipo de garota convencional. Era inteligente e atrevida, mas por trás do atrevimento ocultava uma insegurança que ele adivinhava. E ele sabia que por mais que se esforçasse não conseguia dar-lhe a segurança desejada. Aquela segurança que aproxima um homem de uma mulher e os torna parte um do outro.

Eliane levantou os olhos. Havia um sorriso em sua boca e um desafio em seus olhos.

— E por que não?

— Porque como seu namorado...

— Espere ai, cara. Quem foi que disse isso?

— Isso o quê?

— Isso aí de namorado? Não vem com essa não... Você sabe muito bem que somos amigos. E como amigos vamos permanecer.

— Mas Eliane, como é que você acha que os outros nos vêem? Sempre juntos...

— O que os outros acham não me interessa. Se a mentalidade tacanha deles não permite que entendam que um homem e uma mulher podem ser só amigos, não tenho nada com isso.

— Está bem, não vamos falar mais nisso. Por que você não deixa que eu lhe aplique toda a matéria?

— Ora, Marcos. Você sabe muito bem que em todas as vezes que faltei, você também faltou. Sempre fomos juntos ao treinamento de motocross. E se eu não tenho a matéria, você também não.

— Eu não sei por que você está se preocupando tanto com essa prova.

— Por quê? Por acaso você viu minhas notas? Quatro e meio, três e dois e meio. Se eu não tirar cinco nem entro em exame. Vou direto para a segunda época e sabe o que isso significa? Não preciso nem falar: nada de praia, nada de moto, nada de passeios, nada de viagens. palavras do velho.

— Sei, sei. E como é mesmo que você vai "se aproximar"? — falou o moço, fazendo questão de frisar bem o "se aproximar", murmurado entredentes.

— Sei lá, vou pensar no assunto ainda. Talvez o convite para uma volta em minha motocicleta.

Marcos riu alto, com estardalhaço.

— De motocicleta? Aquele quadrado? Você está brincando.

— E por que não? Ele não é tão quadrado como você pensa.

— Pois deixe eu lhe dizer uma coisa: esses dias eu o vi na praia. Pensa que ele estava de short ou bermuda? Estava com um daqueles maiôs inteiriços do tempo do meu avô.

— Não?! — fez Eliane, adotando um ar sério, como se realmente estivesse acreditando,

apenas para concordar com a brincadeira.

Em seu quarto, depois ela pensava. Como agiria? Se ele concordasse em explicar a matéria, onde o faria? Na Universidade? Na casa dele?

Suava um pouco. Correr de motocicleta sempre a deixava com calor. Um calor gostoso que o vento batendo em seu rosto mal conseguia refrescar, o que a levava a correr cada vez mais.

Levantou-se e foi até a janela. Abriu-a e recebeu o impacto de uma brisa bem fresca, com gosto de mar. Lá embaixo, após a avenida, o mar rugia contra a praia em avanços e recuos ritmados. Eliane desabotoou a camisa, tirou-a e depois também a calça. De biquíni foi até o banheiro, ligou a torneira da banheira regulou a temperatura e deixou-a enchendo. Foi até a porta, abriu-a e gritou:

— Cristina! Cristina! Venha preparar minha roupa, por favor. uma voz de mulher apressada respondeu:

— Já estou indo, patroa.

Enquanto a empregada não chegava, a moça examinou-se ao espelho. Tinha a pele de um moreno tentador, com formas bem definidas e suaves. Podia ser graciosa o suficiente para dançar com a leveza de uma bailarina, ágil o bastante para controlar uma derrapagem da moto ou rude o necessário para dominar um homem com seus conhecimentos de caratê e judô. Quando a empregada entrou, surpreendeu-a, adotou rapidamente uma postura de quem se preparava para uma luta, envergonhada.

— A senhorita chamou?

— Sim, prepare minha roupa.

— Vai sair à noite?

— Não, hoje vou ficar em casa.

— Pois não.

Eliane olhou a empregada. Era jovem também. Uma pergunta aflorou-lhe aos lábios, mas não a formulou. Deixou sua imaginação vagar um pouco e então, de repente indagou:

— Você tem namorado, Cristina?

— Como ?

— Eu perguntei se você tem namorado.

A moça olhou para ela, surpresa com a pergunta, depois retorceu a barra do avental, visivelmente envergonhada.

— Como é, tem ou não tem?

— Tenho sim.

— Venha cá — ela pediu animada.

A moça se aproximou, Eliane passou seu braço pelo ombro da outra, fazendo-a sentar-se na poltrona. Divertia-a o receio e a timidez no rosto da moça.

— Escute, como é que a gente faz para se aproximar de um homem?

— Como?

— É, para a gente chegar de um homem.

— D. Eliane, eu não sou nada do que está pensando — respondeu Cristina, avermelhando-se toda.

— Está bem, Cristina. Deixe para lá. Você não entendeu e nem vai entender. Como é que você poderia me explicar como se aproximar de um homem que é noivo e vive preocupado com uma tese de doutoramento, para pedir-lhe... É, para pedir-lhe explicações sobre a matéria onde preciso tirar cinco, senão vou direto para segunda época?

E ante o olhar espantado e desconcertado da pobre moça. Eliane sufocou o riso e quanto pode, até explodir numa gargalhada.

CAPÍTULO 2

Ricardo mergulhou a cabeça na pia, várias vezes. Enxugando-se e voltou para a sala,

tropeçando nos livros. Seus olhos estavam vermelhos e doíam. A cabeça pesava. Suas pernas estavam bambas. O cansaço infiltrava-se por todo seu corpo e um apelo irresistível o atraía para o sofá. Procurou resistir. Foi até a cozinha e tomou uma xícara de café. procurou um cigarro no maço mas este estava vazio. Voltou até a mesa, apanhou um novo e, enquanto o abria, chegou à janela.

Lá fora a lua derramava-se generosa sobre o mar, dando-lhe reflexos prateados. Apesar da estafa, sentia-se animado a um banho de mar, mas o pensamento fixo na tese punha uma certa impaciência em seus atos. Mesmos naqueles momentos, procurando descansar, sua mesa de trabalho o atraía, enraizado que estava o hábito. E este era-lhe importantíssimo. Seria a coroação de uma vida toda até então dedicada aos estudos e às pesquisas.

De relance seus olhos resvalaram pelo relógio. Duas horas da manhã. Lá fora o movimento era reduzido. Poucos carros na rua, restos de fogueira na praia. Voltou à mesa e preparou o despertador para às sete. Seu corpo reclamava um repouso. Resignou-se e dirigiu-se ao quarto, levando o despertador consigo.

Sobre a mesinha de cabeceira, a fotografia da noiva sorria para ele. Pensou nele com ternura, mas sem nenhuma emoção. Estava por demais acostumado a ela para se emocionar. Aliás, talvez o sentimento que os unisse fosse amizade uma camaradagem acentuada pelos anos de convivência, não amor. A idéia da presença da moça era encarada com naturalidade, não com o desejo de quem ama. Era dessa maneira que ele via o fato. Desconhecia a existência de amor em seu coração.

Deitado, ainda tentou pensar um pouco no assunto mas o sono chegou antes, desligando-lhe o fio dos pensamentos.

De manhã, acordou pelo que pensou ser o relógio. Estendeu a mão procurando desligá-lo. A campainha insistia. Segurou o relógio e balançou-o, ainda meio adormecido. Era o telefone.

— Alô! — murmurou, com a voz rouca de sono.

— Alô, querido! Sou eu, Márcia.

— Oi, Márcia. Que agradável...

— Agradável o quê?

— Ouvi-la tão cedo.

— Você é um amor.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

